

**LÂMIAS E EMPUSAS:
MULHERES VAMPIRAS NA LITERATURA GRECO-ROMANA
E NA POESIA ROMÂNTICA DE GOETHE E KEATS***

Semíramis Corsi Silva^{**}

Resumo: *Lâmias e Empusas têm uma longa tradição mitológica como uma espécie de protótipo da mulher vampira que mata suas vítimas envolvidas em um jogo de amor e sedução. Neste artigo, objetivamos apresentar essas personagens em textos da literatura greco-romana e, a partir disso, trazer elementos sobre sua recepção como inspiração para as personagens femmes fatales nas poesias A Noiva de Corinto, de Johann Wolfgang von Goethe e Lamia, de John Keats.*

Palavra-chave: *Lâmia; Empusa; mulher vampira; Goethe; Keats.*

**LAMIAS AND EMPUSAS: VAMPIRE WOMEN IN GREECE-
ROMAN LITERATURE AND IN THE ROMANTIC POETRY OF
GOETHE AND KEATS**

Abstract: *Lamias and Empusas have a long mythological tradition as a kind of prototype of the vampire woman who kills her victims involved in a game of love and seduction. In this article, we aim to present these characters in texts from Greco-Roman literature and, from there, bring elements about their reception as inspiration for the femmes fatales characters in the poetry The Bride of Corinth, by Johann Wolfgang von Goethe and Lamia, by John Keats.*

Keywords: *Lamia; Empusa; vampire woman; Goethe. Keats.*

* Recebido em: 19/05/2020 e aprovado em: 29/08/2020.

** Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca. Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: semiramiscorsi@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4283-2377>.

Introdução

Lâmias e Empusas são personagens de relatos assombrosos do folclore tradicional greco-romano, possuindo uma longa tradição na mitologia antiga e uma grande importância literária. Tais personagens aparecem, já na literatura da Antiguidade Clássica, como uma espécie de protótipo do que viria a ser a mulher vampira da literatura moderna. Assim, Lâmias e Empusas, de forma combinada entre si e com outros seres mitológicos antigos, foram ressignificadas pela poesia romântica do fim do século XVIII e XIX na personagem da mulher *vamp* fatal e sedutora, que se tornaria o motivo da *femme fatale*.

Inicialmente, tomamos contato com essas personagens antigas através da *Empusa* (Ἐμπουσα) apresentada na *Vida de Apolônio de Tiana* (IV, 25), do sofista grego Flávio Filóstrato, obra escrita no século III EC. Esta passagem do livro de Filóstrato ficou tradicionalmente conhecida como *A Noiva de Corinto*. No entanto, a personagem da *Vida de Apolônio* está relacionada a outra personagem já conhecida da mitologia grega, a Lâmia (Λάμια), termo que, inclusive, Filóstrato também usa para chamar a Noiva de Corinto.

Sabendo disso, o objetivo deste artigo é apresentar aspectos gerais da tradição em torno dessas personagens, Lâmias e Empusas, em textos da literatura greco-romana, chegando na criação da mulher sedutora e sugadora de sangue na Antiguidade. A partir disso, visamos trazer elementos sobre sua recepção na poesia romântica como inspiração para as personagens vampíricas dos poemas *A Noiva de Corinto* (1797), de Johann Wolfgang von Goethe e *Lamia* (1819), de John Keats. Escolhemos analisar esses dois poemas pela relação entre eles e a passagem da obra de Filóstrato, o primeiro pelo nome do poema (*A Noiva de Corinto*) e o segundo pela aparição de Apolônio na cena em que a Lâmia é revelada.

Cumpramos destacar que estamos utilizando aqui a ideia de recepção tal como apontada por Glaydson José da Silva, Pedro Paulo Funari e Renata Garraffoni (2020, p. 44), para os quais:

Recepção chama a atenção para a transmissão de algo dos produtores para os receptores, em uma metáfora da teoria da comunicação: recepção do som, de imagem, de informações. Há, pois, uma ênfase na emissão, e isso explica toda a atenção com a recuperação ou reconstrução dos textos e monumentos originais.

[...] *Recepção aponta para a verificação da distância entre a gênese e a recriação posterior.*

A partir disso, pensando na necessidade de uma reflexão sobre os textos transmissores nos Estudos de Recepção, começaremos apresentando a tradição mitológica que chegou para nós, pela literatura greco-romana, em torno das personagens Lâmias e Empusas.

Lâmias e Empusas na tradição mitológica greco-romana

De acordo com Marina Mortoza (2013, p. 20), a primeira vez que aparece uma palavra próxima no campo semântico à Lâmia é em uma passagem do canto X (vv. 80-135) da *Odisseia*. Nessa passagem, Odisseu e seus companheiros aportam em Lamo (Λάμος), na Lestrigônia, terra de gigantes devoradores de homens. Mortoza (2013, p. 20) também explica que: “O nome ‘Lamo’ é composto a partir da raiz λαμ-, e a palavra grega λάμος é usada para designar o papo das aves e de alguns insetos.” Assim, nos versos homéricos em questão, é possível perceber que já há um certo eco do elemento devorador de homens que aparecerá nos desdobramentos literários futuros da personagem da Lâmia.

Já Junito de Souza Brandão (2014, p. 371) informa que o termo “grego Λάμια (Lâmia) procede, ao que parece, da raiz **lem*, ‘sugar, tragar, devorar’. A relação etimológica com o grego λαμυρός (lamyrós), ‘voraz, ávido’, e com o latim Lemures, ‘espectros e almas dos mortos’, é bem possível.” Steven Stannish e Christine Doran (2013, p. 116), seguindo outros pesquisadores como Walter Burkert, acreditam que o nome Lâmia pode estar relacionado ao Lamashtu, um ser mitológico feminino sumério considerado “comedor de crianças”. Portanto, independentemente da raiz em si do termo Lâmia, todos pesquisadores citados mostram que sua etimologia tem ligações com aspectos terríveis e que virão a constituir a personagem mitológica em questão.¹

Outro interessante elemento da Lâmia aparecerá nas obras do comediógrafo Aristófanes, que a menciona como sendo um ser possuidor de testículos, um ser híbrido, portanto. A frase que Aristófanes usa em duas obras é Λαμίας ὄρχεις ἀπλύτους, podendo ser traduzida como “da lâmia os testículos sujos” (*Paz*, v. 758; *Vespas*, v. 1035). Aqui, então, temos a personagem como um ser horrendo e asqueroso. Em *Vespas* (v. 1177), Aristófanes apre-

sentam um novo elemento usado para causar a abjeção do leitor em relação à Lâmia. Em tom sarcástico, o comediógrafo diz que: “primeiro, por um lado, como a Lâmia, sendo capturada, peidou”, na tradução de Mortoza (2013, p. 21).

A Lâmia ainda aparece em alguns textos do período imperial romano como um ser comedor de crianças. Escrevendo em Roma no final do século I AEC, o poeta Horácio é um exemplo dessa representação. Nos versos 339 e 340 de sua *Epístola aos Pisões*, Horácio diz: “No quanto queira, a peça não exija ser acreditada; nem extraia um menino vivo do ventre da Lâmia que acabou de almoçar”.²

Será o historiador Diodoro Sículo, que viveu em finais do século I AEC e início do século I EC, que buscará investigar o mito da Lâmia em sua *Biblioteca Histórica* (XX, 41, 3-5). Através de sua atividade crítica como historiador antigo, Diodoro apresenta sua ideia do mito a partir do que seria mais provável, colocando Lâmia como uma rainha da Líbia de beleza incomparável. Após perder os filhos que teve, a rainha teria ordenado matar todos os bebês recém-nascidos do reino, o que teria deixado uma memória assustadora sobre seu nome, conforme demonstra o trecho a seguir:

*Na parte de baixo desta rocha havia uma enorme caverna toda coberta de hera e de briônia, na qual, segundo o mito, havia nascido Lâmia, uma rainha de beleza sem igual. No entanto, devido à selvageria de seu coração, dizem que o tempo que passou transformou seu rosto, dando-lhe um aspecto animalesco. E quando todos os filhos nascidos dela morreram, abatida em sua desgraça e invejando a felicidade de todas as outras mulheres com seus filhos, ela ordenou que os bebês recém-nascidos fossem arrancados dos braços de suas mães e mortos imediatamente. Portanto, entre nós, até a presente geração, a história dessa mulher permanece entre as crianças e seu nome é muito assustador para elas (DIODORO SÍCULO. *Biblioteca Histórica*, XX, 41, 3-4).*³

Além disso, segundo Diodoro, a rainha Líbia bebia muito, deixando que o povo fizesse o que quisesse nesses momentos, o que causava boatos sobre ela ter arrancado seus próprios olhos. Dessa forma, em Diodoro, já começamos ver se delinear o perfil de uma bela mulher ligado à personagem e ao estrangeiro, ao *outro* da cultura greco-romana.

Estrabão, escritor que escreveu poucas décadas após Diodoro, em sua *Geografia* (I, 2, 8), conta sobre o prazer de aprender por meio de mitos, especialmente para as crianças e, ao mesmo tempo, o temor que os mitos podiam causar. Como exemplo disso, Estrabão cita os mitos da Lâmia, de Gorgó, de Efiltes e da Mormólíce.⁴ Conforme Mortoza (2013, p. 104), com quem concordamos,

[...]aparentemente, Estrabão está tratando de mitos que têm significado forte para as crianças, pois está tecendo comentários acerca da educação delas através do uso deles, então pode-se supor que esses quatro personagens eram seres que aterrorizavam as mentes infantis [...]

Mas, voltando à relação entre o mito da Lâmia e a região da Líbia, que já aparecera em Diodoro, Stannish e Doran (2013, p. 116-117) acreditam que o sofista Dião de Prusa (que viveu entre 40 e 120, aproximadamente), está descrevendo a Lâmia quando conta sobre um mito líbio em torno de monstros híbridos, metade serpente, metade uma bela mulher, em seu *Discurso* 5.⁵ Segundo Dião, estes seres viviam na Líbia até serem derrotados por Hércules. Também conforme Stannish e Doran (2013, p. 117), “Dião interpreta esta história alegoricamente, sugerindo que as criaturas simbolizam paixões básicas (*epithumiai*) e prazeres (*hêdonai*), pois eles ‘são irracionais e brutais’ e ‘conquistam os tolos por astúcia e feitiçaria’ [*apatê kai goêteia*]”. Vemos, então, que já aparece aqui a feitiçaria como elemento feminino ligado à paixão exagerada e ao ser que pode vir a ser a Lâmia.

O escritor Apuleio (que viveu entre 125 e 170 EC, aproximadamente) também faz referência às Lâmias relacionada à feitiçaria. Em meio às narrativas de seu romance *Metamorfoses* (ou *O Asno de ouro*), Apuleio remete-se a muitos elementos da cultura popular e, em uma das histórias (I, 6-17), o narrador do romance, Lúcio, nos conta sobre Sócrates, um comerciante que, na Tessália, terra de feiticeiras, conhece Méroe e sua irmã Pância, ambas feiticeiras (*sagae*). Apaixonada por Sócrates, que tenta fugir de seus feitiços, Méroe e sua irmã cortam sua garganta no meio da madrugada e drenam seu sangue. As feiticeiras Méroe e a irmã são chamadas por Apuleio de Lâmias (*Lamiae*), são mostradas como transformando homens em animais, tendo diversos poderes, amando desmedidamente e se vingando de quem despreza seu amor, o que causa grande pavor na população. Aqui, a combinação mulher, magia, perigo, medo, sedução e amor desme-

dido novamente se faz presente, acrescida da imagem do sangue humano na descrição do rito das Lâmiás.

Dessa forma, vemos como de um ser abjeto e glutão que causava asco e comia criancinhas indefesas, a Lâmia vai aos poucos tomando nova roupagem como uma mulher sedutora e fatal.⁶ Embora tal elemento já apareça ligado ao nome Lâmia, como vimos em Diodoro Sículo, Dião de Prusa e Apuleio, a sua sedução se estabelece especialmente pela ligação dessa personagem com a Empusa.

As Empusas eram criaturas mitológicas que acompanhavam Hécate, deusa múltipla e de domínios complexos, mas que, entre seus principais atributos estava a ligação com as práticas mágicas e com as feiticeiras da literatura antiga, como Medeia. Como um ser de múltiplas metamorfoses, acreditava-se que a Empusa podia se transformar em uma cadela, em um boi e em uma mula, mas também em uma mulher muito bonita, como podemos ver nos comentários de *As Rãs* (vv. 290-300), de Aristófanes. Nessa passagem de Aristófanes, a Empusa é reconhecida pelas metamorfoses que podia adquirir, mas também pelo rosto resplandecente de fogo e pelas patas, uma de vaca e outra de bronze. Também na comédia *Lisístrata* (v. 1058), do mesmo autor, uma personagem de mulher idosa é citada comparada a uma Empusa coberta de sangue. A metamorfose da personagem era explicada como forma de atrair suas vítimas (GRIMAL, 1989, p. 155) e, ainda que não apareça como sugando sangue, a Empusa já aparece aqui ligada a esse elemento.

Seguindo as observações de Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000, p. 29-30), sobre a Mulher-Monstro, podemos perceber o mito da Lâmia e da Empusa correspondendo a esse estereótipo, que é o inverso da idealização e é traduzido em algo como um medo da mulher, de sua criatividade e do feminino enquanto elemento de gênero, pensando gênero aqui a partir de Joan Scott (1995), para quem gênero é constituinte básico da estruturação da ordem e das relações sociais. Exemplos de mulheres-monstro na literatura greco-romana antiga são as personagens clássicas de Cila, Medeia, Medusa, Circe, Canídia e Sagana, por exemplo. Como é possível ver, tais personagens, além de fugirem dos padrões esperados de submissão feminina, também aparecem, a maioria delas, como praticantes da magia em seus aspectos negativos.

Já como uma mulher jovem, poderosa, sedutora e que necessita de sangue humano, temos a Empusa de Filóstrato. Na biografia *Vida de Apolônio*

de Tiana (IV, 25-26), Filóstrato nos conta que, certo dia, passeando pelo porto de Corinto, uma bela mulher fenícia aparece ao jovem estudante de filosofia Menipo de Lícia e o seduz, convidando-o para frequentar sua casa no subúrbio da cidade. O jovem se apaixona por ela e planeja o casamento, mas o sábio Apolônio de Tiana, protagonista da biografia, desmascara a mulher para Menipo em meio ao banquete de casamento, mostrando a ele que a noiva, na verdade, não era uma mulher, pois se tratava de uma Empusa. Apolônio diz para Menipo:

– E que você perceba a verdade do que eu digo, esta bela noiva é uma das Empusas, ou seja, daqueles seres a quem muitos consideram Lâmiás ou Mormólices. Esses seres se apaixonam e são devotados às delícias de Afrodite, mas principalmente da carne de seres humanos, e elas enganam com tais delícias aqueles que pretendem devorar em suas festas.

E a noiva disse então:

– Cesse essa sua conversa de mau agouro e vá embora; e ela fingiu estar enojada com o que ouviu, mas na verdade ela reclamava dos filósofos e dizia que eles sempre falavam absurdos.

Quando, no entanto, as taças de ouro e o que parecia prata foi provado tão leve quanto o ar e tudo flutuou para longe de sua visão, enquanto os produtores de vinho e os cozinheiros e todo o séquito de criados desapareceu antes das repreensões de Apolônio, o fantasma fingiu chorar e pediu para que ele não a torturasse, nem a obrigasse a confessar o que ela era. Mas Apolônio insistiu e não quis deixá-la ir e, então, ela admitiu que era uma Empusa e estava enchendo Menipo com prazeres antes de devorar seu corpo, pois estava acostumada a se alimentar de corpos jovens e bonitos, porque o sangue desses jovens é puro e forte (FILÓSTRATO. Vida de Apolônio, IV, 25).

Apolônio, pela escrita de Filóstrato, mostra as Empusas como seres monstruosos que seduziam homens belos e jovens, adoravam os prazeres sexuais e eram também conhecidas como Lâmiás (λαμίας) ou Mormólices (μορμολυκίας). Tais seres, conta Filóstrato, pelos ensinamentos do biografado Apolônio, seduziam homens belos para devorar seus corpos e se alimentar de seu sangue porque, por serem jovens, eram mais puros. Por

conta dessas personagens serem mostradas se alimentando do sangue de suas vítimas, a tradução de Christopher Jones (2005) da obra de Filóstrato as chama de vampiras.

Conforme Stannish e Doran (2013, p. 114), a palavra vampiro, como podemos ver na Empusa de Filóstrato, por exemplo:

designa um espírito ou cadáver reanimado que prejudica os vivos ao drenar seu sangue, geralmente à noite, ou ao causar doenças. O termo está de fato enraizado na Europa eslava do final do século XVII e início do século XVIII, mas o monstro que ele designa tem antecedentes significativos em textos mais antigos.

Assim sendo, podemos considerar a personagem de Filóstrato como uma das primeiras personagens da literatura que chegou até nós a unir o elemento da sedução feminina com o vampirismo do ato de alimentar-se de sangue humano.

Em sua versão, Filóstrato tem como intuito apresentar a seus leitores o poder miraculoso do sábio Apolônio de Tiana que consegue desmascarar o fantasma (φάσμα). O objetivo de Filóstrato, dessa maneira, não é se focar na Empusa em si, mas criar mais uma situação em que Apolônio possa mostrar seus poderes como um “caçador de vampiros”, nas palavras de Stannish e Doran (2013, p. 114), produto de sua dedicação à filosofia pitagórica e de uma rigorosa vida ascética advinda dessa escolha filosófica. Além disso, o antagonismo entre um sábio e um ser maléfico também era um *topos* antigo, segundo Nai-Tung Ting (1966, p. 149), o que daria um distintivo para a história, configurando uma moral evidente.

No entanto, o que o relato de Filóstrato nos evidencia é a visão da mulher como sedutora, capaz de destruir um homem inocente, mesmo sendo ele inteligente como Menipo. Ela é, assim, produto do imaginário popular da época trazido neste texto literário erudito que é a *Vida de Apolônio de Tiana*. A visão filostratiana está ligada a um imaginário da mulher colocada como uma espécie de serpente pronta para atacar, pois Apolônio diz a Menipo: “– Agora, você é um belo moço, objeto de desejo das mulheres bonitas, acaricia uma serpente e uma serpente a você [...]” (FILÓSTRATO. *Vida de Apolônio*, IV, 25). Além disso, a visão de gênero transmitida com a criação dessa personagem aparece interseccionada ao elemento estrangeiro, a Lâmia de Filóstrato não é apenas um ser feminino que usa das artima-

nhas do sexo para conquistar, ela também é o *outro* não greco-romano, é fenícia, estrangeira.

A Empusa de Filóstrato também traz ao autor uma oportunidade para defender Apolônio como tendo poderes miraculosos, estando acima dos poderes mágicos negativos da sedutora personagem feminina. A visão ambígua que os romanos tinham das práticas que podemos considerar mágicas — ora consideradas maléficas, charlatanescas e, em grande medida, vistas na literatura como coisa de mulher — é atestada aqui na *Noiva de Corinto*, em contraponto aos poderes mágicos teúrgicos, ascéticos e masculinos do filósofo Apolônio de Tiana, convertido em homem divino (θεῖος ἄνθρωπος) por Filóstrato.

Ainda conforme a tradição de textos antigos, com a mesma característica maléfica que podemos ver na Empusa de Filóstrato, porém sem o elemento do sangue, a personagem da Lâmia tem uma breve aparição na Vulgata Latina, tradução para o latim da Bíblia, elaborada na Antiguidade Tardia, em uma passagem do Livro profético de Isaías. Em Isaías 34:14, temos a seguinte menção: *et occurrent daemonia onocentauris et pilosus clamabit alter ad alterum ibi cubavit lamia et invenit sibi requiem*. Uma tradução sugerida para essa passagem pode ser algo como: “E os demônios se encontrarão com os onocentauros, e um sátiro chamará o outro, a lâmia encontrará um ninho para si e ali repousará” (tradução nossa). Em traduções da Bíblia de Jerusalém dessa passagem podemos ver a Lâmia sendo trazida como Lilit: “Os gatos selvagens conviverão aí com as hienas, os sátiros chamarão seus companheiros. Ali descansará Lilit e achará um pouco para si.” Lilit (ou Lilith) é uma personagem mítica controversa presente em textos da sabedoria rabínica, associada a uma serpente traçoieira na tradição judaica.

Dessa maneira, Lâmias e Empusas, bem como as personagens feiticeiras e outras figuras mitológicas com as quais elas aparecem relacionadas com frequência, podem ser pensadas como personificações dos desejos amorosos e dos apetites sexuais desmedidos, considerados como típicos das mulheres no imaginário greco-romano. De forma geral, então, podemos ver que

[...] o folclore antigo era fluido, mas que algumas criaturas compartilhavam qualidades vampíricas. Empusas, lâmias e mormólices eram mulheres metamorfoseadas que devoravam suas vítimas, as

duas primeiras em excitantes paixões masculinas e florescendo na escuridão cônica ou terrestre. O outro par, Lâmia e Mormó, era originalmente formado por rainhas estrangeiras. Curiosamente, a feiticeira clássica possuía atributos semelhantes. Muitos dos praticantes literários da magia — Circe, Medeia e Panfília, para citar três — eram mulheres sexualmente agressivas que tinham suas formas físicas alteradas e que operavam à noite. Além disso, eles tinham conexões com regiões exóticas como o Mediterrâneo central homérico, Cólquida e Tessália (STANNISH; DORAN, 2013, p. 118).

A recepção das Lâmiás e Empusas na poesia romântica de Goethe e Keats

A resignificação presente no imaginário contemporâneo das Lâmiás e Empusas pode ser encontrada na representação literária da mulher vampira, que viria a se desenvolver especialmente na criação artística da *femme fatale* (a mulher *vamp*) no século XIX. Essa *vamp*, entretanto, não necessariamente é uma vampira sugadora de sangue, mas uma mulher fatal que mata de alguma forma aquele que consegue seduzir com suas artimanhas.

A *femme fatale* oitocentista, desta forma, pode ser considerada uma construção de gênero, uma acumulação de características particulares articuladas em uma figura feminina que refletia medos e inseguranças próprias do universo masculino. Assim, a *femme fatale* por excelência era uma mulher bela, sedutora, misteriosa, ao mesmo tempo que era também uma assassina potencialmente fatal, manipuladora e dissimulada, não necessariamente uma vampira sugadora de sangue, mas uma assassina grotesca. Diante disso, a *femme fatale* simboliza o eterno feminino maldito, ligado a todos os tipos de características às quais se contrapunham a racionalidade, a pureza e a castidade – o masculino (SANTOS, 2015).

O ponto alto de aparição desse modelo de personagem é o chamado *fin-de-siècle*, que, além de representar o fim do século XIX na Europa, também englobava um número de sensibilidades artísticas e aspirações diversas que muito influenciavam os grupos que perpetuaram esses discursos. Max Nordau, em seu tratado *Degeneration*, de 1892, descreve o *fin-de-siècle* como uma sensibilidade da vida urbana moderna através da qual artistas voluptuosos e degenerados buscam, desesperadamente, por novas sensações de

formas bizarras, irracionais, místicas e imorais (HANSON, 2013, p. 152). Nesta definição estaria a busca artística por retratos de personagens como as mulheres sedutoras e vampiras fatais. Uma famosa *femme fatale* da literatura oitocentista é Salomé, da peça homônima de Oscar Wilde, escrita em 1892.

Como uma precursora do que viria a se tornar a *femme fatale* da poesia oitocentista, muito diferente da amada distante e indiferente também comum na literatura romântica, temos o caso de *A Noiva de Corinto*, poema de autoria de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1797. É possível que a inspiração para esse poema de Goethe tenha sido tanto a personagem sugadora de sangue apresentada na obra de Filóstrato, como um episódio sobre a Noiva de Anfípole da obra *Sobre Maravilhas*, de Flégon de Trales, um escritor do século II EC, liberto do imperador Adriano. Sua obra é um exemplo da antiga parodoxografia, gênero literário que apresenta e tenta explicar fenômenos anormais, misteriosos e sobrenaturais do mundo humano ou não-humano.⁷

Na passagem em questão, Flégon conta a história de Filínion, uma mulher que morre logo após se casar, mas volta à vida algum tempo depois e aparece várias noites para seu amado, um homem chamado Macates, que, no entanto, não era seu marido. A história antiga de Flégon, porém, não tem o tom vampírico da noiva descrita por Goethe em seu poema que, nesse sentido, se assemelha mais à personagem da noiva da *Vida de Apolônio de Tiana*, em uma espécie de inspiração ao poeta alemão que mistura histórias gregas antigas para criar sua personagem. A Noiva de Anfípole, portanto, não possui o elemento sanguíneo das Lâmias antigas. No entanto, a história de Flégon traz a noiva que não consuma o casamento e revive após a morte, elemento importante dos vampiros, seres imortais. Sua aparição é extremamente perturbadora na obra de Flégon, de qualquer forma, o que acaba levando ao suicídio do amado.

Die Braut von Korinth, no original alemão, ainda que não seja o primeiro poema em alemão a apresentar o tema vampírico, é uma das representações literárias precursoras nessa língua a trazer a personagem vampírica que mais tarde, ao longo dos séculos XIX e XX, terá grande popularidade literária e fílmica.⁸ Além do mais, nesse poema de Goethe temos o elemento feminino sedutor, diferentemente, por exemplo, de *Mein liebes Mädchen glaubet*, escrito em 1748 por Heinrich August Ossenfelder. De acordo com Muñoz Acebes (2000, p. 121), no poema de Ossenfelder temos a primeira referência de fato a um vampiro na literatura alemã, mas o persona-

gem vampírico é um homem que seduz uma jovem. Poemas como o de Ossensfelder certamente influenciaram Goethe, conforme observa Muñoz Acebes (2000, p. 122), mas a sua inspiração maior parece ter sido o texto grego de Flégon e, acrescentamos, a personagem de Filóstrato, uma vez que além da Empusa filostratiana ser sugadora de sangue, o episódio se passa em Corinto, como o título do poema de Goethe. No entanto, cumpre destacar que a personagem de Goethe não é uma Lâmia ou uma Empusa como na obra de Filóstrato, nem é um ser híbrido, mas uma morta que retorna à vida para consumir seu amor.

Alguns elementos tradicionais do que viriam a ser as descrições dos vampiros já aparecem na noiva de Goethe: o retorno à vida, a vontade excessiva de consumir um amor, a forte palidez reiterada em várias passagens do poema e, claro, o elemento do sangue do amado a ser sugado. Já a palidez da personagem é um aspecto que a Mulher vampírica ainda não possuía em Filóstrato, ainda que seja clara a referência com a lembrança pela narrativa se passar em Corinto.

Também trazendo elementos da personagem de Filóstrato, temos o poema *Lamia*, escrito em 1819 pelo poeta romântico inglês John Keats e publicado em 1820 no volume *Lamia, Isabella, The Eve of St. Agnes and Other Poems*. O poema, com várias referências à mitologia clássica, grande inspiração de Keats, narra a história de uma antiga mulher transformada em serpente, a Lâmia, que ajuda o deus Hermes a encontrar a ninfa mais bonita de todas em troca de receber do deus a forma humana para poder ir atrás de seu amado, um jovem de Corinto chamado Lício. Transformada em uma bela mulher, Lâmia vai para Corinto em busca de Lício que, encantado e perdido de amores por ela, a pede em casamento. No entanto, a serpente é desmascarada durante a festa das bodas pelo sábio Apolônio, o que leva ao desaparecimento da Lâmia e à morte do jovem Lício com um ferimento no corpo, pelo que o poema indica em seu desfecho final, talvez fruto de um suicídio. As ilusões de Lício com sua amada, então, se desfazem por completo.

Dessa forma, o poema de Keats, assim como a tradição literária em torno das personagens Lâmias e Empusas que trouxemos, reproduz a ideia da mulher serpente que seduz os homens e os enfeitiça em uma teia de amor desmedido, irracional e fatal. Nesse poema, vemos a intertextualidade clara com o texto de Filóstrato, pois Keats escolhe o sábio Apolônio para desmascarar a Lâmia. Keats ainda chama Apolônio de sofista (*sophist*), algo

que não necessariamente está ligado a Apolônio na tradição fora da biografia escrita por Filóstrato, tradição essa que representa Apolônio muito mais como um filósofo do que como um sofista propriamente.

Na interpretação de Fredric Jameson (1981, *apud* HOAGWOOD, 1989, p. 677), a obra de Keats dissolve conflitos sociais e políticos nas mediações da arte e da beleza. *Lamia*, para o crítico citado, representa o esforço de Keats em mostrar aos seus leitores como eles podiam entrar em seu espaço poético, dando um passo além dos conflitos e tensões que eram marcantes no momento em que escrevia e em trabalhos de outros poetas que lhe eram contemporâneos. Segundo esse tipo de interpretação, *Lamia* de Keats deve ser percebida codificando as sensibilidades individuais do poeta, ligadas a fatos particulares de sua vivência. Diferentemente dessa abordagem, para Terence Allan Hoagwood (1989, p. 677), os poemas de Keats expressam conflitos sociais da época, mas não porque eram poemas políticos propriamente, e sim porque as realidades sociais afetaram a maneira como o poeta apresentou sua história. *Lamia*, para esse estudioso, não traz um acontecimento projetado dentro do poema, mas sim uma realidade histórica que inevitavelmente condiciona, determina e produz o próprio poema. O trabalho de Keats, assim, apresenta, de alguma forma, as estruturas das relações sociais de sua época.

Assim sendo, uma abordagem tradicional de *Lamia* percebe o poema como projetando uma espécie de separação característica de “indivíduo” e “sociedade”. As ilusões de Lício com a Lâmia são tratadas como algo interno e privado contra a sociedade, o externo, a realidade pública da natureza física e das pessoas mortais (HOAGWOOD, 1989, p. 679). Outra leitura interessante de *Lamia* é de Jack Stillinger (1971, *apud* HOAGWOOD, 1989, p. 685), que lê o poema representando um conflito que permeia toda obra de Keats, o conflito entre a realidade mundana e os estados extramundanos ideais. Hoagwood (1989, p. 687), por outro lado, percebe como, em *Lamia*, elementos de individualismo e definições egocêntricas são tratados com brutalidade, lidos pelo poeta como atitudes e atos socialmente prejudiciais, temas recorrentes também em outros trabalhos que o poeta estava desenvolvendo concomitantemente à escrita de *Lamia*. Tais preocupações, segundo esse estudioso, “são maiores do que Keats o homem ou o poeta Keats, elas pertencem à Inglaterra de 1819” e estariam relacionados à depressão pós-guerra e aos conflitos de classe daquele período.

Independentemente do quanto há de contingência e/ou subjetividade em *Lamia* de Keats e das variadas interpretações possíveis do poema, para nós, neste texto, torna-se especialmente interessante perceber como Keats buscou referências na mitologia e na literatura greco-romana para desenvolver suas ideias. Vemos, dessa maneira, como o mito não é algo estável, estando em constante movimento e servindo a diferentes propósitos, agenciamentos e contextos, como sempre esteve desde a própria Antiguidade. Ainda que fazendo parte da cultura da Antiguidade Clássica e do repertório greco-romano transmitido, o mito não está preso a esse repertório, sendo ressignificado constantemente e tomando um estatuto atemporal. O mito, em especial pela intertextualidade com Filóstrato, atua como fio condutor da narrativa de *Lamia*, ponto de referência na formação de um conhecimento simbólico armazenado e transmitido desde tempos remotos e sobre o qual o poeta apresenta sua realidade que será, por sua vez, tomada por uma nova recepção, a do leitor, com seus diferentes olhares e interpretações.

Em nossa leitura, por exemplo, acreditamos haver um substrato em torno das personagens Lâmias e Empusas que articula o medo do estrangeiro com elementos de gênero, apresentando como mistério, magia e sedução são características atribuídas essencialmente a mulheres em uma longa transmissão literária. Além disso, no caso da literatura de Goethe e Keats, temos a recuperação do irracional ligado a essas personagens e à recuperação dos mitos e do mundo onírico, advindas, sobretudo, de suas filiações ao Romantismo.

Já em relação ao elemento vampírico das personagens tratadas, diante do que foi apresentado, é importante perceber que, apesar da transmissão literária da personagem fatal, vampírica e feminina da Antiguidade aos dois poemas tratados, como bem observou Stannish e Doran (2013, p. 128), os vampiros antigos, e aqui nos centramos nas mulheres vampíricas, são espectros que possuem uma capacidade fantasmagórica, enquanto os modernos, no caso da personagem de Goethe aqui analisada, são cadáveres ressuscitados de seres humanos perdidos que, no entanto, da mesma forma que os antigos, também servem para assombrar e matar. Neste sentido, a personagem de Goethe se diferencia da tradição em torno das Lâmias e Empusas, mas se aproxima da personagem ressuscitada de Flégon de Trales. Em relação à personagem de Keats, no entanto, há uma aproximação ainda maior com a tradição mitológica das Lâmias e Empusas da literatura clássica.

Outra diferença das sugadoras de sangue antigas para as vampiras modernas é o elemento humano. As antigas tomam formas animais, selvagens e mais barbarizadas, uma vez que gregos e romanos antigos viam seu outro, o bárbaro, como essencialmente animalesco em seus costumes e, da mesma forma, parecem ter visto as mulheres, que podiam tomar formas de animais e vice-versa. Ao menos a vampira da poesia de Goethe não aparece como tendo forma animal, diferente da de Keats que faz uma referência mais próxima à Lâmia mitológica nesse sentido, é um ser híbrido, uma mistura perfeita de grotesco animalesco e do belo feminino.

Como semelhança entre as personagens, é possível perceber que, quando o personagem vampírico antigo e moderno são mostrados como femininos, o elemento da sedução violenta e fatal é uma característica essencial. Personagens femininas, sedução fatal, capacidade mágica e de metamorfose e elemento estrangeiro se cruzam na criação de um tipo a ser identificado em mulheres e no que vinha de fora em diferentes tempos e em diferentes sociedades, como testemunham a literatura greco-romana e os poetas que trouxemos neste texto. Tais elementos formam um importante traço cultural compartilhado que age como um dispositivo de poder quase imperceptível, pulverizado na vida cotidiana a fim de controlar ações de mulheres e do feminino. Essas personagens, portanto, são resultado de processos de poder sobre o feminino que, ao mesmo tempo, resultam em terror, medo, controle e dominação.

No entanto, cumpre mencionar que não entendemos a permanência de elementos da literatura antiga na literatura moderna como um legado em si, mas como uma continuidade ressignificada. Não é algo que a literatura moderna simplesmente recebeu de herança, mas de que se utilizou a partir de uma transmissão recebida e lida dentro dos anseios do novo contexto e das agências dos novos autores.

Considerações finais

Na primeira parte deste texto pudemos ver como histórias folclóricas e mitológicas, mesmo chegando para nós por meio de uma literatura escrita, estão sempre em mutação. A Lâmia, de uma personagem grotesca e abjeta, em algumas tradições e, em grande parte por sua associação com as Empusas, se transforma em uma bela mulher sedutora e fatal, tomando elementos de vampirismo que serão tradicionais em uma literatura ainda a

surgir séculos mais tarde, mas que já tem suas marcas nessas personagens e em outras que se mesclam a elas em algumas ocasiões, como estirges, górgonas, mormólices e feiticeiras.

A partir dessas personagens, vimos como dois expoentes importantes da literatura romântica, Goethe e Keats, atuaram na recriação dos textos clássicos, dialogando com vários deles e lhes conferindo um significado que vai além do passado, mas que dialoga com seu presente e com seu futuro. Compreender a dinâmica de fronteiras entre diferentes tempos e espacialidades é um dos desafios colocados pelos Estudos de Recepção, nos quais buscamos nos inserir aqui. Dessa maneira, vimos os poetas românticos criando o motivo da *femme fatale* e utilizando a tradição greco-romana para expressar um tema tão caro ao Romantismo: a constante tensão entre amor, horror e morte.

Não menos importante, temos o elemento do desconhecido e do fantasmagórico que permeiam toda produção literária tratada no artigo. Cruzado com questões de gênero, em nossa leitura, esse elemento traduz a imagem que esses escritores firmam como seu *outro*, o feminino, assustador quando tomado de algum tipo de controle sobre personagens masculinos e sempre desenfreado e sem limites no que tange ao amor e ao sexo.

Para finalizar, muito recentemente, o nome Lâmia foi motivo de discussões em páginas brasileiras da internet após a queda de um avião no dia 28 de novembro de 2016 na Colômbia. No Voo 2933 da Lamia, viajava a equipe brasileira de futebol da Chapecoense. No avião estavam 77 pessoas, 71 morreram. Após esse desastre, considerado a maior tragédia da história com uma delegação esportiva, pudemos acompanhar postagens em blogs e redes sociais associando o nome da companhia aérea que realizava o voo, Lamia, com algo de ruim por conta da antiga personagem mítica. Diante disso, o que vemos é como uma personagem do tipo da Lâmia ainda suscita discussões das mais inusitadas possíveis, permanecendo, até nossos dias, ligada a coisas negativas e misteriosas no imaginário popular mesmo no Brasil, tão distante daquela Grécia de quando a personagem começa a fazer suas aparições.

Documentação escrita

APULEIO. *O asno de ouro*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.
ARISTÓFANES. *Comedias II*. Trad. Luis M. Macía Aparicio. Madrid: Gredos, 2007.

- _____. *Comedias III*. Trad. Luis M. Macía Aparicio. Madrid: Gredos, 2007.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2017.
- Corpus Inscriptionum Latinarum VI (Inscriptiones urbis Romae Latinae)*. Ed. by G. Henzen; I. B. De Rossi; E. Bormann; C. Huelsen; M. Bang et al. Berlin, 1876-2000. Disponível em: http://db.edcs.eu/epigr/epikl.php?s_sprache=en. Acesso em: 03 mar. 2021.
- DIO CHRYSOSTOM. The fifth discourse: a libyan myth. In: _____. *Discourses (I-XI)*. Trad. J. W. Cohoon. (Loeb Classical Library 257). Cambridge: Harvard University Press, 1932.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*. Volume X: Books 19.66-20. Trad. M. Geer. (Loeb Classical Library 390). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.
- FLÉGON DE TRALES. *História, histórias e paradoxografia: Opera Omnia*. Trad. Reina Marisol Troca Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- GOETHE, J. W. The bride of Corinth. In: _____. *Selected poems*. (Edited by Christopher Middleton). Trad. Aytoun-Martin/Christopher Middleton. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 133-143.
- _____. *A noiva de Corinto*. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LUCAN. *The Civil War (Pharsalia)*. Trad. J. D. Duff. (Loeb Classical Library 390). Cambridge/London: Harvard University Press, 1928.
- LUCIANO DE SAMÓSATA. *Das narrativas verdadeiras*. Trad. Lucia Sano. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas defendida na Universidade de São Paulo – USP, 2008.
- OVÍDIO. *Fastos*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida: 2004.
- PHILOSTRATUS. *The life of Apollonius of Tyana*. Books 1-4. Trad. Cristopher P. Jones. (Loeb Classical Library 16). Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005, v. 1.
- STRABON. *Geographie*. (Tome I - 1re. Partie). Trad. Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

KEATS, J. *Complete poems and selected letters of John Keats*. (Introduction by Edward Hirsch). New York: Modern Library, 2001.

Referências bibliográficas

BIANCHET, S. M.; MACIEL, B.; MONTEIRO, D.; AVELAR, J. (Orgs.). *Epistula ad Pisones*. Belo Horizonte: Laboratório de Edição – FALE/UFMG, 2013.

BORTHWICK, E. K. Seeing weasels: the superstitious background of the Empusa scene in the Frogs. *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 18, n. 2, p. 200-206, 1968.

BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. *The madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University, 2000.

GRIMAL, P. *Diccionario de mitologia griega y romana*. Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1989.

HANSON, E. Style at the fin de siècle: aestheticist, decadent, symbolist. In: POWELL, K.; RABY, P. *Oscar Wilde in Context*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 150-158.

HOAGWOOD, T. A. Keats and social context: Lamia, studies in english literature, 1500-1900. *Nineteenth Century*, Houston, v. 29, n. 4, p. 675-697, 1989.

MORTOZA, M. P. D. *A velha Lâmia: um catálogo de fontes antigas de um mito sangrento*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

MUÑOZ ACEBES, F. J. El motivo de la mujer vampiro en Goethe: Die Braut von Korinth. *Revista de Filología Alemana*, Madrid, v. 8, p. 115-128, 2000.

SANTOS, F. R. S. O eterno feminino maldito e a sensibilidade moderna: o motivo da femme fatale entre Baudelaire e o decadentismo brasileiro. *Lettres Françaises*, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 125-140, 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, G.; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. Recepções da antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade bra-

sileira. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020.

SILVA, S. C. *Identidade grega e Império Romano*. A Vida de Apolônio de Tiana de Filóstrato (Século III EC). Curitiba: Appris, 2020.

STANNISH, S.; DORAN, C. *Magic and vampirism in Philostratus's Life of Apollonius of Tyana and Bram Stoker's Dracula. Preternature: critical and historical studies on the preternatural, Pennsylvania*, v. 2, n. 2, p. 113-138, 2013.

TING, N.-T. The holy man and the snake-woman. A study of a Lamia story in asian and european literature. *Fabula*, Berlim, v. 8, n. 3, p. 145-191, 1966.

Notas

¹ Por um estudo amplo e bem desenvolvido sobre a etimologia de termos gregos ligados à palavra lâmia (λάμια) e sobre a personagem da Lâmia de forma geral no folclore greco-romano, sugerimos o trabalho de Mortoza, 2013.

² Tradução de Sandra Braga Bianchet *et al.*

³ Essa tradução, assim como as demais traduções de trechos de fontes deste artigo, quando não mencionado o nome do/a tradutor/a, foi feita por nós a partir da língua moderna da edição usada, comparada com as versões nas línguas originais.

⁴ Gorgó ou Górgonas (Γοργών/Γοργώ) eram três seres femininos (Esteno, Euríale e Medusa) belos e monstruosos que habitavam o extremo Ocidente (GRIMAL, 1989, p. 217). Efiáltes (Ἐφιάλτης) era um gigante, um dos adversários dos deuses na Gigantomaquia (GRIMAL, 1989, p. 149). Mormólíce ou Mormó (Μορμώ), segundo Pierre Grimal (1989, p. 366), “era um gênio feminino que ameaçava as crianças pequenas. Era acusada de morder crianças más e, às demais, de torná-las coxas.” Podia ser identificada com Gelo, um fantasma feminino da ilha de Lesbos que roubava crianças (GRIMAL, 1989, p. 212-213), ou com a Lâmia.

⁵ Outra passagem interessante da literatura greco-romana sobre seres metade mulher, metade animal está em *Das Narrativas Verdadeiras* (II, 46), obra de Luciano de Samósata, quando é narrada a história de uma ilha de mulheres belas e sedutoras que se alimentavam dos homens que ali chegavam, eram os seres marinhos chamados de Pernas-de-Mulas, na tradução de Lucia Sano (2008). As Pernas-de-Mulas, metade mulher, metade mula, no entanto, não são chamadas como Lâmias ou Empusas por Luciano.

⁶ Outro ser horrendo ligado a hábitos predatórios da literatura clássica são as estri-gas ou estirges (*strix*), que se alimentavam de sangue e entranhas de suas vítimas.

Ovídio (*Fastos*, VI, 131-168), conta que as estrigas podiam ser pássaros por nascimento ou velhas transformadas em aves por encantamento (*carmen*). Segundo o poeta, elas roubavam crianças de noite para se alimentar de suas entranhas. Escrevendo algumas décadas após Ovídio, no século I EC, Petrônio (*Satyricon*, LXIII), narra, por meio do personagem Trimalquião, a história de estrigas que teriam devorado as vísceras de um jovem menino em seu velório. Associadas a essas personagens e ligadas ao rapto e assassinato de crianças e fetos, temos personagens feitiçeras da literatura greco-romana, como a própria Medeia, que mata seus filhos na tragédia de Eurípides e as feitiçeras que aparecem no *Epodo V* de Horácio e na *Farsália* (VI, 558-559) de Lucano. Temos também o epitáfio do túmulo de um menino escravo chamado Iucundo, cuja inscrição diz que ele foi levado e morto pelas mãos de uma feitiçera (*saga manus*) (*CIL*. VI, 19747, Roma, dat. 1 a 50 EC. EDCS-ID: EDCS-12101654).

⁷ Conforme Reina Marisol Troca Pereira (2019, p. 67), uma característica central da paradoxografia é “ultrapassar o antagonismo generalista e tradicional *mythos/logos*, entendendo e decodificando a linguagem enigmática capaz de preservar a memória de certos eventos, fazendo uso da imaginação, do fantástico e do empolamento.”

⁸ Sobre a literatura alemã e a temática vampírica, ver Muñoz Acebes (2000).

⁹ Sobre Apolônio como sofista, sugerimos a leitura de Silva (2020). Nessa obra, fruto de nossa tese de doutoramento, defendemos que Filóstrato projeta a si mesmo e seu grupo, os sofistas gregos inseridos nas estruturas de poder romanas, em Apolônio de Tiana na biografia *Vida de Apolônio de Tiana*.